



Projeto Iconográfico sobre o Cúter ou Canoa Costeira Maranhense na área Portuária do Bairro da Camboa

José de Ribamar Matos Júnior¹, Germano de Sousa Quadros Neto zero e Airton Pereira Dias².

¹Especialista e professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do IFMA/ Área de Design. e-mail: matoso96@gmail.com

²Aluno do Curso de Comunicação Visual. e-mail: germanokid@hotmail.com

²Aluno do Curso de Comunicação Visual. e-mail: apdias13@gmail.com

Resumo: O propósito deste trabalho é valorizar o modelo de embarcação cúter ou canoa costeira maranhense, por meio de sua caracterização construtiva e estrutural, evidenciando o seu valor iconográfico por intermédio da identificação e caracterização de suas peças principais, bem como dos significados destas no contexto das técnicas tradicionais da construção naval artesanal maranhense.

Palavras-chave: Construção naval, cúter ou canoa costeira, iconografia,

1. INTRODUÇÃO

O estudo completo das embarcações maranhenses inicia-se no ano de 1977, por intermédio de Eng. Luiz Phelipe Andrés, vindo sudeste do país para trabalhar em São Luís, que se encantou com a diversidade e formas das embarcações locais e a partir daí passou a fazer registros por conta própria por meio de fotografias e desenhos em portos e praias da ilha de São Luís. Devido seu grande envolvimento com as embarcações locais, resolveu inscrever um projeto de pesquisa junto a FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos) pela Secretaria de Estado de Coordenação e Planejamento do Maranhão (SEPLAN), denominado de **Embarcações do Maranhão**, aprovado em 1985. A proposta deste projeto foi de registrar e resgatar as técnicas construtivas passadas de pais para filhos, que estavam se perdendo. No referido projeto estudou-se: as embarcações maranhenses por meio da cultura e da arte popular; os métodos artesanais construtivos; aspectos sociais e antropológicos; os locais e estaleiros artesanais de construção das embarcações e outros fatores. Dentro do contexto do projeto e pela diversidade dos barcos, foram detectados e estudados quinze modelos de embarcações maranhenses: **cúter ou canoa costeira, bote proa de risco, biana, igarité, boião, iate, casquinho, casco, lancha de Timon, canoa de Nova Iorque, canoa de Benedito Leite, canoa de Tasso Fragoso, gambarra, rabeta e canoa de um pau só**. Entre elas destacamos *o Cúter ou Canoa Costeira Maranhense (Foto nº 1)*, principalmente por ser uma embarcação de beleza singular por suas formas, cores, velame e pelo fato interessante de possuir dois espelhos, um na proa e outro na popa.



Foto nº 1: Modelo de canoa costeira maranhense/ Fonte: IPHAN/ MA.

Segundo (ANDRES, 1998), esta embarcação há muito deixou de ser confeccionada de um único tronco de madeira. O convés é fechado, arrematado por cabine rebaixada. Na proa há um alongado gurupés (pau da giba) e a bita, denominada também de frade, (Foto nº 2) que é em forma de cabeça humana.



Foto nº 2: Detalhe do gurupés (pau da giba) / Fonte: IPHAN/ MA



Foto nº 3: Detalhe da bita ou frade/ Fonte: IPHAN/ MA

Os estais (cabos que sustentam o mastro) são fartos e mastro é inclinado para ré. Estes e outros detalhes caracterizam a beleza desta embarcação e, que por conta deste seu aspecto tão singular, recebeu em 2005 a indicação da revista Náutica como uma das vinte embarcações mais belas do Brasil e que recentemente foi tombada pelo Iphan Nacional, a partir de um inventário feito pelo Iphan local por especialistas contratados do Estaleiro Escola do Maranhão e que por intermédio do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural foi escolhida como uns dos patrimônios culturais brasileiros. Trata-se então de uma embarcação tipicamente maranhense, com características formais e visuais dignas de estudos focados em seu conceito empírico e de grande valor tradicional e cultural. Portanto objetivamos neste trabalho de pesquisa à realização de um estudo iconográfico da canoa costeira maranhense para fins de identificação e dar significados aos demais elementos físicos estruturais desta, como forma de preservação dos conhecimentos da construção naval e artesanal maranhense.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O material de estudo da pesquisa foi focado no âmbito dos modelos físicos de canoas costeiras levantadas na área onde atracam em um porto improvisado e localizado embaixo da ponte Bandeira Tribuzzi, no bairro da Camboa em São Luís. Os métodos utilizados para fins de obtenção do material de estudo da pesquisa foram: pesquisa bibliográfica na área de preservação das técnicas construtivas navais tradicionais populares maranhenses, levantamento fotográfico, levantamento físico das canoas, elaboração de desenhos esquemáticos à mão livre para identificação de estruturas e peças características e o significado destas em suas constituições físicas.

Os procedimentos acima tem como propósito o estudo iconográfico da canoa costeira como linguagem visual, que se utiliza de imagens materiais e imateriais para representar um determinado tema ou propósito dentro de um contexto sociocultural definido.

2.1 Na primeira etapa realizamos uma visita uma reunião com a equipe nas instalações do CVT – Estaleiro Escola do Maranhão, localizado no sítio Tamancão, no bairro do Alto da Esperança (Itaqui/Bacanga), onde foi feita uma abordagem histórica sobre as embarcações artesanais maranhenses,



desde a chegada do engenheiro Luiz Phelipe Andrès em São Luís, passando pela idealização do Projeto Embarcações do Maranhão, publicação do livro sob o título Embarcações do Maranhão – Recuperação das Técnicas Construtivas Tradicionais Populares, projeto do Liceu de Artes Navais de São Luís até a criação, estruturação e funcionamento do CVT – Estaleiro Escola do Maranhão;

2.2 Na segunda etapa da pesquisa, foi feito um levantamento bibliográfico na biblioteca do CVT – Estaleiro Escola do Maranhão, executamos levantamentos de livros, revistas, relatórios, desenhos técnicos, ilustrações, artigos, fotografias, jornais, etc., acerca do assunto iconografia e também do nosso objeto principal de estudo, ou seja, a da canoa costeira maranhense;

2.3 Na terceira etapa, fizemos um estudo teórico sobre o significado do que representa ícone e iconografia, no sentido de elaborarmos um referencial de definições e conceitos, para executarmos abordagens das características técnicas e formais acerca dos modelos de canoa costeira existentes no local definido para pesquisa;

2.4 Nesta quarta momento, passamos para o estudo propriamente dito do modelo de embarcação denominada canoa costeira maranhense, a partir de toda sua configuração física, estrutural e de seus demais elementos de composição, bem como os termos usados para descrevê-los e seus significados na linguagem náutica artesanal maranhense. Dentro deste estudo, pudemos elaborar um modelo de leiaute da referida embarcação com uma configuração formal muito usada na sua forma de construção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após termos feitos visitas, reuniões e levantamentos bibliográficos, passamos para o processo de estudo teórico sobre o que significa ícone e iconografia, sendo assim, partimos de dois conceitos existentes para iniciarmos o processo e logo em seguida foi feito um estudo descritivo técnico da canoa costeira com as suas principais características:

3.1.1 O que é um ícone: trata-se de um signo onde há a existência topológica entre o significante e o significado. Uma pintura, ilustração ou uma fotografia são determinadas de ícones, na medida em que possuem uma relação de semelhança com o objeto usado como modelo pintado, ilustrado ou fotografado.

3.1.2 O que iconografia: é a disciplina que estuda sistematicamente as questões em torno do conteúdo das obras de arte, por oposição à forma. Entre os principais domínios da Iconografia, podem citar-se, por exemplo; a identificação das fontes de inspiração para a imagem, a análise da contaminação das formas e dos significados de imagens provenientes de outros contextos, e o estudo dos significados simbólicos, profundos e intrínsecos da própria imagem (sendo este nível de leitura mais adequadamente denominado de Iconologia).

3.2 Estudo descritivo, técnico e físico do cúter ou canoa costeira maranhense, para fins de determinação de seu elementos construtivos e de seus significados para uma futura abordagem iconográfica, acompanhado de uma representação gráfica desta, ou seja:

a) canoa costeira possui a estrutura do casco constituída por um tabuamento, que é disposto de forma longitudinal;

b) apresenta característica do tosamento bem acentuada na extensão do seu casco;

c) é constituída de quilha e sobrequilha, configurada no formato quadrangular, muitas das vezes são confeccionadas a partir de uma única peça extraída de tronco de madeira ou então de peças emendadas e trabalhadas com o uso de ferramentas e instrumentos manuais;



d) apresenta cavernas que são geralmente conformadas de peças naturais retiradas de galhos de árvores e de grandes pranchas de madeira. A maior boca constituída por cavernas mestras que ficam aproximadamente a meia nau das canoas;

e) seus espelhos de proa e de popa são configurados em um formato triangular, estruturados e reforçados por uma peça suporte, denominada como cambota, que fica na parte interna destes. Os espelhos recebem geralmente um acabamento decorativo; são fixados internamente junto ao convés pela curva de palmilha ou simplesmente palmilha; possuem talhamar na parte externa, cuja função é singrar as ondas do mar, servir de sustentação do pau da giba que é encaixado na bita ou frade, também encontrada na região do convés;

f) apresenta bita ou frade, peça de características místicas, que, em alguns casos, tem a função de representa a fisionomia do dono da canoa costeira, e, em outros, são simplesmente feitas para serem peças de fixação do pau da giba;

g) apresenta mastro em formato cilíndrico, confeccionado a partir de um único tronco ou montado a partir de peças de madeira fixadas pelo uso de colas ou pinos, que se caracteriza por possuir uma inclinação vante à ré e fixado sobre a sobrequilha do cavername, por intermédio de uma peça de madeira chamada carlinga. Sobre o mastro são posicionados o pique e a retranca da armação vélica, que descansam sobre uma peça em madeira no formato circular chamada de bolo;

h) seu aparelho vélico dela é constituído pela vela de estai ou bujarrona, armada no pau da giba até a cruzeta do mastro; pela vela carangueja ou vela latina quadrangular, considerada como marca registrada nestas embarcações, geralmente feitas de lona tingidas por corantes naturais extraídas do pau de mangue ou de corantes artificiais;

i) na região do convés apresenta escotilha e escotilhão, que dão acesso ao interior do porão;

j) possui toldo (casario) onde são abrigados os tripulantes, mantimentos, objetos pessoais, mas que em geral possuem pé direito muito baixo e o acesso é feito por uma espécie de escotilha, denominada boca do toldo;

l) suas laterais são geralmente dotadas de corrimãos, que possuem balaustradas formadas por peças torneadas de forma decorativa.

Existem utensílios utilizados no dia-a-dia de uma canoa costeira, que são: mará, voga, frasqueira, reservatório d'água (tonel de 50 litros), fogareiro, rede de dormir, esteira de pindova, cana do leme reserva e a âncora e seu cabo reserva.

6. CONCLUSÕES

A partir destes estudos iniciais pudemos concluir:

6.1 A importância deste trabalho visa antes tudo iniciar um processo de resgate do valor cultural naval e artesanal dessa embarcação, por intermédio de suas formas, cores, desenhos, armação vélica, significados de suas peças e detalhes técnicos, etc., que possam ser utilizados na sua preservação no momento atual e em um futuro próximo, pois o que vem ocorrendo nos últimos anos é que a canoa costeira vem passando por modificações físicas e estruturais em função do tipo de carga transporta, caracterizando assim uma desconstrução de seus elementos que lhe configuram como uma embarcação de grande beleza.



6.2 Tal resgate será feito por meio de um estudo iconográfico utilizando-se ilustrações das peças mais importantes da canoa costeira e os seus significados.

6.3 Ressaltamos a diminuição drástica da construção dessas embarcações, assim como de outros modelos tradicionais maranhenses.

6.4 Por meio do que ocorre com a canoa existe a progressiva desvalorização da profissão de construtores navais artesanais, bem como a falta de motivação das gerações de filhos de operários navais de não quererem mais seguir a profissão dos pais, dado o fato de que não almejam perspectivas de um futuro melhor seguindo a trajetória profissional de seus ascendentes.

7. AGRADECIMENTOS

Eng. Luiz Phelipe Andrès (Diretor do CVT- Estaleiro Escola do Maranhão), a equipe da biblioteca do CVT- Estaleiro Escola do Maranhão e ao IPHAN/ MA.

8. REFERÊNCIAS

ANDRÈS, Luiz Phelipe. **Embarcações do Maranhão**: recuperação das técnicas construtivas tradicionais populares. São Paulo: Audichromo, 1998. 130p.

_____. **Glossário do projeto embarcações do Maranhão**. São Luís: FINEP, 1987. 34p.

_____. **Modelismo naval**: Método de construção da canoa costeira. São Luís: FINEP, 1986. 50p.

_____. **Tipologia e identificação das embarcações**. São Luís: FINEP, 1988. 53p

BARROSO NETO, Eduardo. **Iconografia do Maranhão**. Maranhão. Sebrae, 2004. 148p.

BAXTER, Mike. **Projeto de produto**: guia prático para o design de novos produtos. Inglaterra. Chapman & Hall, 1995. 260p.

Dicionário marítimo brasileiro. Rio de Janeiro, Imprensa Naval, 1961. 334p.

DONDIS, Donis A. **A sintaxe da linguagem visual**. Barcelona, Gustavo Gilli, 1976. 214p.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do Objeto**. 9ª Ed.(revista e ampliada): Escrituras Editora

NIEMMEYER, Lucy. **Elementos da semiótica aplicados ao design**. Rio de Janeiro. 2AB Editora. 2007. 80p.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica**. 2ª Ed.: Editora Brasiliense, 2003.

WALTHER – BENSE, Eliza Beth. **A teoria geral dos signos**. 1ª Ed.: Editora Perspectiva, 2000.